

Ascensão da produção científica brasileira: risco iminente de um colapso?

André Luis da Silva Castro¹

A produção científica brasileira tem demonstrado estar em ascensão, tanto em aspectos quantitativos quanto em aspectos qualitativos. Esta ascensão tem sido evidenciada pelas pesquisas desenvolvidas em instituições brasileiras e publicadas em periódicos nacionais e internacionais, mas também baseada em diferentes indicadores internacionais. Em 2012 a *Nature* iniciou um processo de avaliação da participação dos países e instituições na publicação de pesquisas científicas de alta qualidade. Nesta primeira avaliação, o Brasil figurou no *ranking* mundial em 26º lugar no *Top 100 countries*, sendo ainda destacado como um dos cinco países a serem observados, juntamente com China, Irlanda, Quênia e Arábia Saudita, em função do rápido crescimento da produção científica mundial (Nature Publishing Index, 2012). Já em 2013, o Brasil subiu três posições, aparecendo em 23º lugar, com uma melhoria da ordem de 17,3% em relação ao ano anterior (Nature Index Tables, 2013). Em 2014 houve aumento de modestos 1,4%, permanecendo em 23º lugar (Nature Index Tables, 2014). Não que este seja o único ou melhor indicador, mas pode sinalizar os avanços ou retrocessos dos países e instituições na produção científica mundial.

Para a ascensão da produção científica do Brasil no cenário mundial vários fatores podem ter contribuído. É oportuno lembrar das políticas adotadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) nas últimas décadas, a partir da implantação de sistemas de avaliação da qualidade de periódicos científicos e de Programas de Pós-Graduação *Stricto sensu*, com critérios que estimulam a internacionalização e a publicação científica em periódicos de melhor qualidade. Porém, apesar de os referidos sistemas estimularem a publicação científica em periódicos de qualidade, eles *per se* não garantem a publicação de artigos científicos nos melhores periódicos internacionais. Assim, outros condicionantes devem ter contribuído para a ascensão da produção científica brasileira.

Um dos gargalos da produção científica de qualidade é a obtenção de financiamento para o desenvolvimento das pesquisas, quer sejam com recursos públicos ou privados. Uma vez que o desenvolvimento de pesquisa no Brasil é dependente, em grande parte, de recursos públicos, não seria uma falácia relacionar o aumento dos investimentos públicos em pesquisa com a qualidade das publicações geradas. Assim, o aumento dos investimentos públicos no desenvolvimento científico e tecnológico pode ter tido uma importante contribuição para elevação da participação do Brasil no cenário mundial de publicação científica de alta qualidade.

Nos últimos anos as agências federais (e várias estaduais) de fomento à pesquisa têm ampliado os recursos para a apoio a projetos e também no desenvolvimento de pesquisas em áreas estratégicas prioritárias para o desenvolvimento do país, o que pode ter contribuído veementemente para a produção científica do país. Uma das importantes agências de fomento à pesquisa no Brasil, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por exemplo, investiu em projetos de pesquisa as quantias de aproximadamente 314 milhões em 2011, 422 milhões em 2012, 477 milhões em 2013 e 597 milhões em 2014 (CNPq, 2015). Entretanto, este cenário progressivo mostra um colapso, uma vez que já em julho de 2015, os investimentos anuais do CNPq alcançam apenas 103 milhões, o que mostra expressiva redução, comparada a anos anteriores.

¹Instituto Federal Goiano – Câmpus Urutaí, GO, Brasil

Regalado (2010) destacou a ascensão da produção científica brasileira como reflexo do rápido crescimento econômico do país. Contudo, o mesmo autor alertou para um sério risco para a sua continuidade: a insegurança dos fundos para o desenvolvimento científico e tecnológico, já também tratado por Pinheiro-Machado & Oliveira (2001). Assim, a grande questão é: em um período de recesso econômico do país e de descontinuidade e redução de investimentos para o desenvolvimento científico, quais serão os prejuízos em médio e longo prazo?

Em algumas áreas da Ciência a redução de investimentos para o desenvolvimento científico podem causar apenas a redução da produção científica e tecnológica. Já em outras áreas mais tecnológicas a redução de investimentos pode causar um colapso, inviabilizando totalmente a atividade, podendo gerar prejuízos irreparáveis. As expectativas apontadas por Regalado (2010) de que os *royalties* obtidos a partir da exploração do Petróleo no Brasil contribuíssem para o desenvolvimento econômico e, conseqüentemente, para o desenvolvimento científico do país, ainda pairam, mas continuam sendo apenas expectativas e/ou promessas políticas.

REFERÊNCIAS

- CNPq. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2015). *Investimentos do CNPq em CT&I*. Disponível em <http://fomentonacional.cnpq.br/dmfomento/home/fmthome.jsp?>. Acesso em: 27/06/2015.
- Nature Index tables: *Top 100 countries 2013* (2014). *Nature* 515: S98-S108.
- Nature Index tables: *Top 100 countries 2014* (2015). *Nature* 522: S34-S44.
- Nature Publishing Index 2012 (2012). Disponível em: <http://www.natureasia.com/en/publishing-index/global/supplement2012>. Acesso em: 26/06/2015.
- Pinheiro-Machado, R. & Oliveira, P. L. (2001) The Brazilian investment in Science and technology. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, 34: 1521-1530.
- Regalado, A. (2010) Brazilian Science: riding a gusher. *Science*, 330: 1306-1312.

Autor para correspondência: André Luis da Silva Castro
Rodovia Geraldo Silva Nascimento, s/n, Zona Rural,
Urutaí, GO, Brasil.
E-mail: andre.castro@ifgoianoedu.br
Recebido em: 30 jun. 2015
Aceito em: 30 jun. 2015
Editor responsável: Prof. Dr. Guilherme Malafaia